

Cadernos

letra e ato

Editorial

Estamos lançando o segundo número dos *Cadernos Letra e Ato*, uma publicação anual cujo objetivo principal é divulgar a produção científica dos integrantes do nosso grupo de estudos, que está no seu terceiro ano de atividades. Neste número, contamos com artigos que abrangem múltiplas possibilidades de leitura da dramaturgia, seja em estudos comparativos, historiográficos, interpretativos ou estéticos, apontando assim para a diversidade de trabalhos desenvolvidos por nossos pesquisadores. Shakespeare, Martins Pena, João do Rio, Jorge Andrade e Carlos Alberto Soffredini são autores cuja produção teatral foi objeto de análise neste número, abrangendo o teatro ocidental clássico e as releituras que a modernidade faz dele.

Shakespeare é o tema central do artigo de Luis Roberto Faria, que lê a obra do bardo inglês na linha do crítico Harold Bloom e sua ideia da *invenção do humano*. Como exemplo, o autor analisa a peça *Noite de reis* e a composição de suas personagens, lançando luz a uma das principais comédias da obra shakespeariana.

Ao tratar de outro clássico, agora nacional, Larissa de Oliveira Neves se debruça sobre a obra de Martins Pena, e a retomada que ele fez de temas da cultura popular, como a Festa do Divino Espírito Santo, para a construção de uma produção dramática nacional. A análise de seus aspectos populares, então, recai sobre a peça *A família e a festa na roça*.

A dramaturgia moderna, ou a transição do tradicional para o moderno, é tema de discussão no artigo de Elen de Medeiros, sobre três peças de João do Rio: *Eva*; *Que pena ser só ladrão!*; e *Encontro*. Peças em que as estruturas dramáticas tradicionais começam a ser questionadas, seja pela inserção da figura do cronista na trama, seja pela apropriação de alguns elementos caros ao teatro simbolista.

Em se tratando de teatro moderno consolidado, os artigos de Emerson de Paula Silva e Gabriela Über abordam a dramaturgia de Jorge Andrade, cada qual por uma perspectiva diferente. Emerson analisa a figura do negro na peça *As Confrarias*, relacionando as personagens da peça com a história de segregação e afirmação dos afro-brasileiros em nosso país. Já Gabriela faz uma comparação entre as sagas épicas de Andrade, em *Marta, a árvore e o relógio*, e de Érico Veríssimo, em *O tempo e o vento*, analisando, principalmente, as semelhanças temáticas.

Por fim, Maria Emília Tortorella identifica em *Vem buscar-me que ainda sou teu*, de Carlos Alberto Soffredini, os diversos níveis de ficcionalização da ação dramática, mostrando como a peça trabalha a história dentro da história, como uma boneca russa, em um proliferar contínuo da ficção. Essa carpintaria teatral aponta para a fragmentação própria à modernização teatral, que se desenvolverá no teatro contemporâneo por perspectivas cada vez mais amplas.